

André  
Esteves,  
presidente do  
BTG Pactual



# Entre o otimismo e a de

Presidentes do BTG Pactual e da Anheuser-Busch InBev destacam cenário econômico favorável no longo prazo, mas

Rodrigo Carro  
rodrigo.carro@brasileconomico.com.br

Morando fora do país há dez anos, o presidente da Anheuser-Busch InBev, Carlos Brito, é consultado com frequência por empresas interessadas em saber mais sobre o mercado brasileiro, um dos quatro mais importantes para a maior cervejaria do mundo. A curiosidade dos potenciais investidores aumentou há sete anos, mas vem perdendo força mais recentemente: “Nos últimos dois, três anos, há menos pessoas me procurando para falar do Brasil. Menos interesse e mais preocupação”, contou o executivo na última sexta-feira, durante sua participação no Rio Conferences, encontro para promoção de investimentos no estado.

A história resume, de certa forma, as expectativas de dois dos mais poderosos executivos brasileiros com relação ao momento atual e às perspectivas para a economia brasileira no mé-

dio e longo prazo. Ao lado de Brito no evento realizado na capital fluminense, o presidente do Banco BTG Pactual, André Esteves, ressaltou que fatores negativos — como a deterioração fiscal, a inflação ascendente e o déficit em conta corrente — podem ser revertidos sem dificuldade. “Eu queria desmistificar um pouco isso”, disse ele no evento. “Nada desses movimentos realmente me preocupa muito. No fundo, eu diria aqui que não há nada que não seja explicável, nada que não seja relativamente fácil de gerenciar”. O banqueiro enxerga com naturalidade o aumento da pressão inflacionária, empurrada pelo crescimento dos salários (“talvez acima da produtividade”) e pela expansão acelerada do crédito.

Na visão de Esteves, o Brasil “está simplesmente reagindo como uma economia normal”, inclusive no que diz respeito ao déficit em conta corrente. “A moeda se valorizou, historicamente. A poupança é baixa. Pré-

**“Nada desses movimentos realmente me preocupa muito. No fundo, eu diria aqui que não há nada que não seja explicável, relativamente fácil de gerenciar”**

**A confiança se deteriorou, por algum motivo, nesses últimos dois, três anos. A confiança se tornou, em economias complexas como é o caso da brasileira, um fundamento de maior relevância”**

**André Esteves**  
Presidente do BTG Pactual

cisamos de captação internacional, é natural que a gente tenha um déficit em conta corrente”, argumentou ele, frisando que o nível de reservas internacionais do país é significativamente maior do que a dívida externa brasileira. No âmbito fiscal, a expansão dos gastos, e consequentemente a diminuição do superávit, é algo que pode ser ajustado sem dificuldade, acredita Esteves. “Não demora mais de 15 minutos para qualquer cara com a cabeça como a do Brito ir lá e cortar custos e nós voltamos a uma situação fiscal favorável”, brincou.

Tanto Esteves como Brito concordaram que os prognósticos de longo prazo para o país são favoráveis. “Sempre digo: olhe para os últimos 25 anos da nossa companhia no Brasil, por quantos altos e baixos o país passou, a economia passou, quantos planos econômicos”, respondeu o CEO da AB InBev, ao ser perguntado sobre como explica aos acionistas as oscilações da economia bra-

sileira. “Mesmo em épocas muito piores, o Brasil é para cima. Porque os fundamentos estão aqui e isto é o que vai prevalecer no final”. Apesar dos solavancos, o Brasil continua a ser um mercado atraente para a multinacional belgo-brasileira. Entre 2011 e 2020, o país deverá contribuir com 8,9% do crescimento do mercado global de cerveja, perdendo apenas para a China (42,9%). Terceiro maior consumidor da bebida no planeta, o Brasil tem a seu favor os aspectos demográficos: nos próximos dez anos, a população acima de 18 anos (em idade legal para consumir bebidas alcoólicas) vai crescer entre 1% e 1,5% ao ano.

O cenário promissor no longo prazo, no entanto, contrasta com a desconfiança atual dos investidores. “A confiança se deteriorou, por algum motivo, nesses últimos dois, três anos”, destacou Esteves. “Essa é a má notícia. A confiança se tornou, em economias complexas e sofisticadas como é o caso da brasileira, um fundamen-

Título contínuo no próximo página



## Tecnologia ajuda nas decisões dos juízes

A Copa do Brasil foi a primeira em que a tecnologia ajudou na decisão dos árbitros. Antes, os juízes tinham que confiar apenas em seus olhos. No Mundial encerrado ontem, relógios inteligentes usados pelos árbitros forneceram informações que vão além do tempo das partidas. Eles indicavam, por exemplo, se a bola cruzou ou não a linha do gol, em um lance polêmico, reduzindo os erros de arbitragem. **Bloomberg**

14 JUL 2014

**Carlos Brito,**  
presidente da  
**Anheuser-**  
**Busch InBev**

Brasil Econômico

## sconfiança

ressaltam que Brasil perdeu confiança dos investidores

**O que os negócios precisam, para receber investimentos, é de estabilidade de regras. Isso é importante. Algumas regras foram e voltaram nestes últimos dois anos"**

**Sempre digo: olhe para os últimos 25 anos da nossa companhia no Brasil. Mesmo em épocas muito piores, o Brasil é para cima. Porque os fundamentos estão aqui e isto é o que vai prevalecer no final"**

**Carlos Brito**

Presidente Anheuser-Busch InBev

to de maior relevância". A boa notícia — acrescentou o executivo — é que a confiança pode ser restaurada rapidamente.

Por detrás das análises otimistas de longo prazo, ambos os executivos fazem uma avaliação mais crítica dos últimos dois anos do governo Dilma Rousseff, sem no entanto citar o nome da presidenta. "O que os negócios precisam, para receber investimentos, é de estabilidade de regras. Isso é importante. Algumas regras foram e voltaram nestes últimos dois anos: impostos, subsídios, aumento de impostos... Isso atrapalha um pouquinho", admitiu Brito. "Se você tiver um pouco de estabilidade, como existia nos dois anos anteriores, como os fundamentos estão presentes, automaticamente o círculo virtuoso acontece."

**Mercados prioritários para a Anheuser-Busch InBev**

Dentro da estratégia global da AB InBev, a Ásia e a América Latina são os mercados que apresentam maiores oportunidades

de expansão, segundo Brito. Só na China, a companhia conta com mais de 40 fábricas e 35 mil empregados. Brito informou que a companhia está iniciando suas atividades no Vietnã e já mantém operações na Austrália, na Índia e em Hong Kong. "Na Ásia, o mercado ainda está em aberto. Você tem muita coisa para fazer e (de forma) rápida. Com risco menor e retorno maior", justificou o executivo, referindo-se ao maior potencial da Ásia em relação à África, onde a companhia não tem planos de investir pesadamente.

Dentre os 25 países onde a AB InBev atua, China e México são os que mais competem internamente com o Brasil em termos de investimentos da companhia. De acordo com o executivo são esses mercados que exigem aportes mais altos por parte da multinacional. Com o término da Copa do Mundo, a empresa trará para o Brasil a marca mexicana Corona, com o objetivo de disputar espaço no mercado premium.